

TERCEIRO MUNDO E CRIAÇÃO LITERÁRIA. O lugar do romance

*José Carlos Venâncio**

0. O presente texto / comunicação tem por objecto uma análise sociológica do romance *Texaco* (1992 / 2000) do escritor martiniquense Patrick Chamoiseau. O romance, tendo as suas raízes na cultura ocidental, é, de todos os géneros literários, o que mais contribuiu para a construção do conceito prevalecente de Terceiro Mundo. Ajudou a consolidar nas regiões a ele referidas, sobretudo na Ásia e em África (a maioria das sociedades central e sul-americanas tiveram, neste particular, outro percurso histórico) a ideia de nação. Os nacionalismos que sustentaram tal ideia vieram, por sua vez, a servir de veículos privilegiados da busca identitária dos seus protagonistas. O romance tornou-se assim um repositório de símbolos e valores nacionais. A intensificação da globalização e a consequente desnacionalização das culturas e dos espaços político-económicos, fenómenos que se têm verificado um pouco por toda a parte, repercutiram-se, como seria previsível, na estrutura e nos propósitos do discurso romanesco sediado no Terceiro Mundo. O propósito deste texto é, pois, analisar, na base do romance acima referido, as relações que, à luz de tal fenómeno de globalização, se estabelecem entre as estruturas de índole macro, que o consubstanciam, e a sua vivência a nível local.

A análise parte do pressuposto de que é possível entender o romance como um contínuo de actos de escrita sistemicamente integrados, de que resulta, no final, um sentido ou significado geral. Este entendimento do romance remete-nos para dois problemas de ordem teórica que importa igualmente referir. Um diz respeito à concepção de Sociologia da Literatura que lhe está subjacente e o outro, estritamente ligado ao primeiro, coloca a nossa análise na linha de uma sociologia fundamentalmente accionista. Esta última postura não entra em contradição com o recurso, mais implícito do que explícito, do conceito de campo literário devido a Pierre Bourdieu e de algumas das proposições teóricas da teoria do sistema mundo, que, dada a sua raiz marxista, tanto pode ser considerada como de índole determinista, como accionista.

1. A expressão Terceiro Mundo foi usada pela primeira vez pelo demógrafo francês Alfred Sauvy, inspirado, segundo consta, na brochura do político gaulês Emmanuel J. Sieyès, datada de 1789 e que tem por título *Qu'est-ce que le Tiers État?*. Da mesma forma que esta brochura foi tida como a certidão de nascimento político da burguesia europeia, como diz Adriano Moreira (1993: 372), assim o termo Terceiro Mundo daria voz a todos aqueles que haviam sido espoliados, ou se sentiam como tal, pelo colonialismo europeu e pela supremacia económica do Ocidente. Encontravam na contestação da supremacia ocidental uma plataforma de entendimento e um elo de identificação enquanto comunidade, conquanto existissem entre as sociedades referidas aos diferentes protagonistas, a quem se deve a construção do conceito, diferenças culturais e históricas significativas e o processo, em si, estivesse em muito circunscrito a esses mesmos protagonistas, i.e., às elites políticas e culturais das sociedades em causa, elites que constituíam, por sua vez, a parte mais ocidentalizada dessas mesmas sociedades.

Momentos importantes da construção da comunidade foram as conferências internacionais que, enquanto espaços de encontro de pessoas e de ideias, serviram de meio de aprendizagem política e de palco de afirmação identitária de quem nelas participava. Muita dessa integração consumou-se, assim, à custa das alianças ideológicas e políticas que então se engendraram. O Congresso dos Povos Oprimidos, reunido em Bruxelas, em 1927, foi

* Universidade da Beira Interior.

uma das conferências iniciais. Seguiram-se as célebres conferências afro-asiáticas, marcos importantes dos nacionalismos asiático e africano. A primeira dessas conferências realizou-se em Nova Deli, em 1947, convocada por Nehru, primeiro-ministro da União Indiana, país que chegara à independência nesse mesmo ano. Dois anos depois teve lugar, também em Nova Deli, uma nova conferência, reunindo 19 Estados. Estas conferências foram decisivas sobretudo para o nacionalismo asiático. O africano teve de esperar pela conferência de Bandung (Indonésia), reunida em 1955, nela participando já quatro países africanos (Egipto, Líbia, Libéria e Etiópia), assim como representantes da Costa do Ouro, ainda colônia britânica, mas que se tornaria independente dois anos depois, passando a chamar-se Gana, em memória do antigo império da África Ocidental.

O sentimento de espoliação, por um lado, e de unidade, pelo outro, que presidiu e emergiu destas conferências foi acompanhado do aprofundamento de um sentimento nacionalista, alicerçado na ideia de que o desenvolvimento almejado deixava de ser possível noutro quadro político-jurídico que não o do Estado-nação, como, aliás, acontecera nas suas antigas metrópoles. Prevaleceu, pois, a (...) "promessa de que o surgimento do estado-nação acabaria por partir as correntes do domínio estrangeiro e tudo o que elas tinham representado em termos de privação social e moral", diz Basil Davidson (2000: 163).

A diferença em relação a grande parte das metrópoles é que a nação, na maioria dos casos, era inexistente ou, quando existente, não coincidia propriamente com as fronteiras políticas estabelecidas sob o domínio colonial. Tal facto não impediu, porém, que as respectivas elites continuassem a reivindicar, em nome dos povos que diziam representar, a independência dos seus países e, após esta conseguida, envidassem esforços, nem sempre no melhor sentido, para a criação da tão almejada nação, que, enquanto enquadramento identitário e plataforma de entendimento dos diferentes grupos sociais e culturais envolvidos, traria a estabilidade social e política, necessária a qualquer política desenvolvimentista. Foram ajudados nesse empreendimento pela conjuntura política então dominante, determinada em muito pela chamada Guerra Fria, opondo o mundo socialista ao capitalista. Os Estados emergentes do Terceiro Mundo passaram, nesse contexto, a constituir um núcleo importante do Movimento dos Países Não-Alinhados. Quando estes se reuniram em Belgrado, em 1961, na 1ª Conferência de Cúpula dos Países dos Não-Alinhados, 24 dos 26 países então presentes eram, na verdade, asiáticos e africanos. Apenas um era europeu, a Jugoslávia, a anfitriã do encontro, e um outro, Cuba, era latino-americano. A segunda conferência, reunida em 1964, no Cairo, veio confirmar, em termos numéricos, a importância dos novos Estados (asiáticos e africanos) na configuração do movimento.

Este facto terá, decerto, contribuído para que paulatinamente se assistisse à deslocação do significado do conceito de Terceiro Mundo do seu sentido inicial para um outro, de raiz mais económica, conotado com subdesenvolvimento, significando, nessa acepção, o conjunto dos países subdesenvolvidos ou, mais retoricamente, em vias de desenvolvimento¹. A partir dos anos 60 é praticamente este o significado que ressalta do termo.

2. A percepção das assimetrias subjacentes à condição de "subdesenvolvido" teve, como seria - aliás - previsível, repercussões a nível do discurso literário. Não vigorasse, na altura, no seio dos nacionalistas alguma indiferenciação entre os que se profissionalizariam, mais tarde, na política, e os que seguiriam a carreira das letras. Entre estes é possível descortinar, por sua vez, traços comuns, no que diz respeito às estratégias estilísticas escolhidas, não obstante as diferenças culturais e históricas registadas entre as suas sociedades. Os textos literários desta altura, independentemente da língua em que eram escritos, denotam, pois, preocupações políticas que decorrem da necessidade de fazer vingar a independência política e, mais do que isso, justificar, em termos históricos e sociais, a sustentação de tal reivindicação. Esta é uma realidade que está presente nas literaturas magrebina, na literatura indiana, mesmo quando escrita em inglês, a chamada literatura indo-inglesa (cf. Steinworth 1973), assim como na literatura indonésia (cf. Chambert-Loir 1980), cujo substrato social e histórico era muito idêntico ao dos jovens países da África sub-saariana, cujas literaturas registaram igual percurso. As preocupações políticas decorriam, em muitas circunstâncias, da percepção das assimetrias acima referidas, mormente das que tinham a ver com o fosso que separava os que usufruíam de uma vivência urbana e que, como tal, estavam mais expostos à ocidentalização, dos que pertenciam ao mundo rural, mais presos às tradições ancestrais. Tom Bottomore,

¹ Não terá sido totalmente alheia a esta deslocação de sentido a "Teoria dos Três Mundos", devida a Mao Zedong (Mao-Tse-Tung). O "Primeiro Mundo" seria constituído pelas duas superpotências (Estados Unidos e União Soviética), o "Segundo Mundo" pelos restantes países industrializados. Não é, porém, esta a perspectiva que entretanto se impôs quanto à divisão do Mundo em três, perspectiva que, mesmo após o fim da Guerra Fria, permanece actual. Segundo esta perspectiva, o Primeiro Mundo seria o mundo industrializado capitalista, o segundo o mundo industrializado socialista, e o Terceiro Mundo englobaria, em termos quase residuais (diga-se!), os países em vias de desenvolvimento.

num capítulo dedicado às elites do Terceiro Mundo, no seu ensaio sobre *Elites and Society*, escrito e publicado nos anos 60, partindo de tais clivagens isolou quatro grandes categorias de países em vias de desenvolvimento, a exigirem, como tal, resposta das respectivas elites, sobretudo das políticas. A primeira categoria seria a dos Estados africanos (entenda-se sub-saarianos), a segunda dos árabes (do Próximo Oriente e da África do Norte), a terceira dos asiáticos (apresentados ainda indiferenciadamente, i.e., sem especial referência para os do Sudeste Asiático) e, por fim, a dos Estados da América Latina (incluindo o Brasil na categoria) (Bottomore s.d.: 93 e segs.).

Sendo a nação, enquanto realidade consolidada, inexistente na maioria dos casos, a sua evocação, quer por parte dos políticos, quer dos literatos, assentava em pressupostos mais discursivos do que reais. Foi assim não só aquando das independências, como também nas décadas que se seguiram: a construção da nação enquanto preocupação política de fundo manteve-se, quer a nível do discurso e da prática política, quer a nível da criação literária. Podemos consequentemente deduzir que o nacionalismo, entendido nessa acepção, constituiu até um período bem recente, mais propriamente até à intensificação da globalização e ao fim da Guerra Fria, um referente que, em relação ao contexto africano (Venâncio 2000), tenho designado por "paradigma nacionalista"².

A exclusividade cultural (e religiosa, entenda-se) e, de certa forma, também a rância³, entendidas como sustentáculos imprescindíveis da nação em construção, constituíram importantes componentes do paradigma. Tal implicou, por seu lado, que, em nome da nação, se desenvolvessem posturas totalitárias que, em termos políticos, redundaram na defesa de regimes políticos de partido único e que, na verdade, estiveram longe de resolver os conflitos e os desequilíbrios internos referidos à realidade que pretendiam equilibrada. O fim da vigência do paradigma, acompanhado por processos de democratização duvidosos, proporcionou a emergência de conflitos, há muito latentes, como a realidade política actual de muitos desses países o espelha.

Retomando, porém, o paradigma nacionalista e a sua relação com o fenómeno literário, cumpre registar que a poesia, sobretudo nos primeiros momentos da vigência do paradigma, e o romance, género introduzido com a ocupação europeia, foram os géneros preferidos para expressar os desígnios nacionais. O romance teve, nesse papel, especial repercussão, tendo sido, na verdade, o grande sustentáculo, em termos estético-ideológicos, do processo nacionalizador. E isto tanto foi verificável entre aqueles autores que, de alguma maneira, permaneciam próximo dos regimes políticos instituídos, como junto dos que se afastaram. Mesmo quando exilados, estes autores não deixaram de cumprir os desígnios fundacionais das suas "pátrias". Lembremo-nos, para tanto, de um Mongo Béti (Camarões), com o romance *Remember Ruben*, de Salman Rushdie (Índia), com o romance *Midnight's Children* ou ainda de Ngugi wa Thiong'o (Quênia), com o romance *Petals of Blood*.

Este carácter fundacional, tal como ele surge na Ásia e em África, não difere, na essência, do fundacionismo sul-americano, mesmo quando autores como Gabriel Garcia Márquez ou Vargas Llosa o associam ao realismo fantástico, faceta que só mais recentemente tem sido explorada nas literaturas africanas e asiática. Aqui - como, aliás, havia também acontecido com alguns escritores sul-americanos, mormente brasileiros, dos anos 20 e 30 (veja-se Lins do Rego, Jorge Amado, etc.) - o realismo, seco e duro, impôs-se. Será interessante, a este propósito, transcrever um excerto do texto de Henri Chambert-Loir (1980), que se refere à opção por esta acepção de realismo na literatura indonésia moderna, realismo que não existia nas diferentes "literaturas clássicas" (i.e. pré-modernas, anteriores à colonização holandesa) das culturas que hoje integram a Indonésia. O autor refere, para o efeito, a resposta que lhe deu o escritor Mochtar Lubis (n. em 1952):

"Mochtar Lubis est l'un parmi des dizaines d'écrivains dont l'oeuvre, manifestement, ne s'écarte jamais du réel. Le narrateur qui, dans nombre de ses nouvelles, raconte l'histoire à la première personne n'est pas toujours l'auteur lui-même; mais, quelle que soit sa source d'inspiration, ses récits ne se départent jamais d'un accent de scrupuleuse authenticité. Interrogé en 1972 sur les raisons de ce constant réalisme, il répondit que l'écrivain indonésien avait pour devoir de dresser un tableau aussi complet que possible de son pays et de sa nation avant qu'il puisse se permettre, comme en Occident, l'invention et la fantasia" (p.12).

² Não deixa este de ser aplicado a outras partes do chamado Terceiro Mundo, embora com outras nuances. No que diz respeito, por exemplo, à Indonésia, cf. John H. McGlynn (Ed.), 1999, *Indonesian Heritage. Language and literature*, Singapura: Archipelago Press

³ O mesmo não aconteceu com os enquadramentos étnicos, na medida em que a esmagadora maioria dos países em questão eram multiétnicos (ou multitribais).

Na verdade, os diferentes problemas que estes países enfrentam, com especial relevo para os políticos, porque deles depende a estabilidade social e o crescimento económico, justificam a postura de Mochtar Lubis, assim como a atitude dos escritores africanos, protagonistas do chamado realismo africano⁴. Bernard Mouralis (1971), a quem se deve uma das primeiras tentativas de sistematização da produção literária do Terceiro Mundo, enumerou, da seguinte forma, os problemas em apreço:

(...)“analphabétisme massif, dégradation des termes de échange, chômage sur une grande échelle, exode rural et développement d’un habitat urbain échappant à la planification, maintien de la langue du colonisateur ou de l’ex-colonisateur (français, anglais et portugais en Afrique; espagnol et portugais en Amérique Latine), etc” (p.460)

De salientar, porém, que a comparação literária a que Mouralis procede se cinge fundamentalmente às realidades africana e central e sul-americana, valendo, de qualquer modo, o seu esforço de sistematização como uma proposta mais lata, em termos de literatura comparada, à que se circunscrevia ao homem negro, às culturas negras dos dois lados do oceano Atlântico, numa postura condicionada pelo pan-africanismo. A sua postura - rompendo com a referência rácica ou étnica, para classificar o conjunto de literaturas produzidas numa área geográfica que representa, pelo menos, dois terços da humanidade - traduz, por um lado, a crescente importância que o conceito de Terceiro Mundo foi ganhando ao longo dos anos 50 e 60 e, por outro, a vigência do paradigma nacionalista, atrás referido, que se vê assim confirmado.

3. Pelo exposto, pode concluir-se que o fundacionismo histórico-político, por um lado, e o realismo, quer o “positivista”, quer o fantástico, pelo outro, constituem, pelo menos até um certo período, duas importantes características estéticas do romance produzido em contextos do Terceiro Mundo. Não se trata de características exclusivas de tais contextos, embora aqui perdurem e tenham ganho nuances próprias. Afirmar a sua exclusividade não teria, pois, qualquer sustentação teórica. Sabe-se que o romance, enquanto género literário que emerge com a ascensão da burguesia europeia, com o lazer de que esta passou a dispor, se consolida, em termos estético-ideológicos sob os auspícios do positivismo, onde, em última instância, radica o realismo, que configurou uma importante fase da sua afirmação no contexto das literaturas europeias. Basta, para tanto, ler-se um Balzac, um Eça de Queiroz e, no que diz especificamente respeito à vocação positivista, um dos mestres da arte romanesca da altura, Th. Dostoiewsky, autor, entre outros romances, do célebre *Crime e castigo*. Sabemos igualmente, seguindo os passos de Wolf Lepenies (1985), que o romance de vocação positivista acabou por antecipar, dadas as suas preocupações de análise social, o discurso sociológico, tido pelo autor em apreço como herdeiro do discurso romanesco e constituindo uma cultura específica, entre a literária e a científica propriamente dita. O romance nasce assim com a *Entzauberung*, o desencantamento do mundo. Acompanha-o, nessa cruzada, a emergência da consciência histórica epocal e a autonomização da sociedade civil, sobre cujo processo incide, aliás, o seu sentido fundacionista em ambientes ocidentais⁵.

A noção de tempo ou mais especificamente, a crença (ocidental) num progresso baseado no avanço da técnica⁶ é outra das categorias que, configurando a sociedade moderna e capitalista, acompanha a afirmação do romance no mundo ocidental. Refiro-me sobretudo ao que poderemos considerar como romance clássico, excluindo nesta classificação o pós-moderno, que, diferentemente do anterior, não representa o tempo de uma forma linear ou monocrónica, mas sim policrónica, retomando, nessa acepção, o seu sentido pré-capitalista ou épico. Efeitos idênticos, tentando, desta feita, recuperar o sentido de vida e de tempo das sociedades rurais ou tradicionais em nome de uma modernidade emancipada do Ocidente, têm sido explorados pelos romancistas do Terceiro Mundo, referindo-me, neste propósito, especificamente aos escritores sul-americanos e a alguns africanos, mormente àqueles cujas culturas letradas estão, de alguma forma, ligadas à sul-americana. A literatura moçambicana, por exemplo, regista experiências, bem conseguidas, desse tipo (cf. Matusse 1998).

⁴ Mohamadou Kane, um estudioso das literaturas africanas, diz-nos a propósito do romance africano, principal sustentáculo do respectivo realismo, o seguinte: (...)“o romance funciona como o espelho de uma sociedade e o investimento de uma terapêutica dupla. Por um lado, ele fixa-se à pintura objectiva das realidades africanas, das tensões, conflitos e postulações, forjando uma nova imagem de África e do Negro; por outro lado, ele empenha-se em tirar este último da sua apatia, de uma certa resignação, para o inserir numa corrente de modernização” (Kane 1983: 61).

⁵ O conceito de Ocidente, implícito na expressão “ambientes ocidentais”, refere fundamentalmente o mundo cultural que emergiu com a chamada cristandade ocidental. É, como se prevê, um conceito fluido no que diz respeito às fronteiras geográficas. Cf. a este propósito, Samuel P. Huntington, 1999 [1996], *O choque das civilizações e a mudança na ordem mundial*, Lisboa: Gradiva: 44 e segs.

Por fim, completando esta incursão pelo romance referido a contextos terceiro-mundistas, cabe mencionar que, qualquer que seja a estratégia estilística do autor, o romance deixa sempre transparecer um fundo moral que será, porventura, fruto dos antecedentes épicos do género. Consiste, quase sempre, na história de uma procura de valores autênticos por parte de um herói individual numa sociedade degradada, como será, porventura, a capitalista, subvertida, segundo Lucien Goldmann (1986), pela prevalência do valor de troca sobre os valores humanos, os valores autênticos.

4. *Texaco*, o romance em análise, de autoria do escritor martiniquense Patrick Chamoiseau, reflecte, com nuances próprias, as características referidas ao romance produzido em tais contextos. Foi originalmente editado em 1992 pelas Éditions Gallimard⁷, e, no ano da sua edição, foi galardoado com o Prémio Goncourt. Nele é contada a história de Marie-Sophie Laborieux a partir da sua grande obra: o bairro (degradado) Texaco. A sociabilidade e configuração urbanística, aqui reinante, exemplificam, segundo o autor (praticamente o mesmo que narrador, designado no livro por "escrevedor de palavras"), a condição crioula, a mesma que o autor tem defendido em vários estudos, com realce para o livro *Éloge de la créolité* [Paris: 1999 (1989/1993)], escrito em parceria com Jean Bernabé e Raphaël Confiant. Crioulidade traduz, segundo os autores, (...) "l'agrégat interactionnel ou transactionnel, des éléments culturels caraïbes, européens, africains, asiatiques et levantins, que le joug de l'Histoire a réunis sur le même sol" (p. 26)⁸. Como se depreende desta breve definição, o conceito tanto se refere a uma realidade existente, a da mestiçagem cultural, enquanto dado histórico (o nível interaccional), como remete igualmente para um devir onde a criouldade tem um valor mais paradigmático do que real (o nível transaccional)⁹.

A narrativa é iniciada com a visita ao bairro de um urbanista, de nome Cristo, que olhava (...) "à En-Ville (Fort-de-France em crioulo) como crioulo visionário" (...) (p. 364) e que, fazendo porventura jus ao seu nome, acabou por preservar o bairro tal como os seus habitantes o queriam. Depois da apresentação dos primeiros habitantes de Texaco que viram Cristo, aquando da visita deste - episódio descrito a partir da epístola de um outro habitante, um haitiano letrado alcunhado de Ti-Cirique -, o narrador passa a descrever a "epopeia" da que era a moradora mais carismática, Marie-Sophie Laborieux, a fundadora do bairro. Começa com a história de vida do seu pai, um escravo liberto, chamado Esternome, que perde o grande amor da sua vida, Ninon, porque esta, inebriada com o progresso, pelas solicitações que uma fábrica açucareira lhe suscitava, foge com um mestre-açucareiro. Ninon acabou por morrer soterrada pelas cinzas vulcânicas que, em 1902, destruíram a anterior capital, a cidade de Saint-Pierre (a En-Ville Saint-Pierre, no texto). Já avançado na idade, Esternome encontra outra companheira, Idoménee, que, não obstante a idade - igualmente avançada - e a cegueira, será a mãe da heroína de *Texaco*, Marie-Sophie.

O primeiro dos pais a morrer é Idoménee. Esternome ainda assiste à eleição de Aimé Césaire, um dos fundadores do movimento Negritude, para o município de Fort-de-France. Acompanhou a filha a um dos comícios abrihantados por Césaire, porém, não gostou de o ouvir:

"O meu Esternome deteve-se, escutou (Césaire), depois as suas unhas cravaram-se-me no ombro: *Annou Sofi ma fi, an nou viré bo kay*, Sophie, minha filha, voltemos para casa... Não lhe perguntei porquê. Ao cabo de uns passos, disse-me, num sopro, como à sua doce Ninon há tantos anos, e sem que eu compreendesse:

- É um mulato..." (p. 238)

Sendo Césaire negro, tal qualificação tem uma carga forçosamente social, o que, de resto, é recorrente nas Antilhas (Hoetink 1997), a exemplo do que se passa noutras sociedades coloniais e multirraciais, pelo menos nas de influência colonial latina, onde o *status* social, por vezes, prevalece sobre a condição somática. A sociedade cabo-verdiana, para não enumerar outras, registou (e regista?) exemplos desse teor, em que a ascensão social leva a que se mude a designação da cor por que o almejado é referido.

⁶ Lothar Lutze, num artigo dos anos 70, serviu-se precisamente desta categoria para contrapor a cultura ocidental à indiana e, como tal diferença se traduzia em termos literários, sobretudo poéticos. Cf. Lothar Lutze, 1976, "Armut und Reichtum in indischen Gegenwartsliteraturen", in *Indo Asia. Vierteljahreshft für Politik, Kultur und Wirtschaft Indiens*: 63-72

⁷ Baseio a análise, no que diz respeito à versão francesa, na edição de 1998.

⁸ No que diz respeito ao aprofundamento do conceito, cf. Serge Gruzinski 1999: 35.

⁹ Alguns autores atribuem à criouldade angolana um sentido idêntico. Veja-se, para o efeito, o livro de Francisco Soares, 1996, *A autobiografia lírica de «M. António»: uma estética e uma ética da criouldade angolana*, Évora: Pendor

Após a morte de Esternome, Marie-Sophie serve durante algum tempo em várias casas da En-Ville (desta feita Fort-de-France) como doméstica. Procura depois refúgio e apoio junto de Papa Totone, um curandeiro, reminiscência dos antigos "mentôs" (um misto de mentor e curandeiro dos escravos das plantações açucareiras), donde, aliás, parte para fundar Texaco, junto das instalações locais da companhia petrolífera com o mesmo nome. Fã-lo contra os interesses do *béké* (martiniquense branco) concessionário da companhia e contra a teia de influências que este tinha junto do poder. Um reparo: a figura política de Césaire é salvaguardada desta trama de conflitos e interesses.

Interessante ainda realçar, no que diz respeito aos recursos estilísticos, a postura ambígua do narrador (ou o autor) perante a escrita. Comporta-se aparentemente como um historiador, um etnólogo, que descobriu (...) "Texaco quando procurava o velho-negro da Doum (o Papa Totone, atrás referido). Haviam-me falado dele - continua - como de um último Mentô. Queria encontrá-lo para recolher as suas confidências (...) (p. 361). Mais adiante, descrevendo a sua aproximação a Texaco, diz ainda:

"Saíndo da Doum, *senti* Texaco. (...) Aquele lugar intrigou-me. Tornou-se fascinante quando me apresentaram aquela que ia tornar-se a minha informante: uma velha *câpresse*, muito alta, muito magra, com um rosto grave, solene, e olhos imóveis" (pp. 362-3)

A velha *câpresse* (cabrita¹⁰, filha de negro/a e de mulato/a) a que se refere é Marie-Sophie Laborieux, a heroína do romance, cuja história de vida é tomada como paradigma da história da Martinica ou, mais especificamente ainda, da emancipação dos escravos negros e da consciencialização destes como sujeitos activos do que o autor, e outros intelectuais das Caraíbas, entendem por criouliidade.

5. As características passíveis de imputação ao romance terceiro-mundista, anteriormente discutidas, podem, de certa maneira, ser sintetizadas no seguinte:

- 1) até ao fim da vigência do paradigma nacionalista, foi tendencialmente de motivação política, alicerçado na ideia de nação, o que é verificável sobretudo nas experiências asiática e africana;
- 2) decorrendo da característica anterior, apresenta um propósito fundacional acentuado;
- 3) é fundamentalmente realista, mesmo quando esse realismo é o fantástico;
- 4) reflecte, pela negativa, a "importação" da crença ocidental num progresso baseado na técnica, concepção que esteve na base da dimensão monocrónica do romance clássico;
- 5) partilha, com o romance ocidental, uma função moralista, donde lhe advém, aliás, a consistência epopeica. O herói busca valores autênticos para uma sociedade subvertida, não apenas pelo capitalismo, como acontece no Ocidente, mas pelo sistema capitalista-colonial.

Texaco cumpre, em parte, estes designios.

Não é um romance nacionalista, i.e. dominado pela ideia de nação, não obstante não poder deixar de ser considerado como um romance político. A ausência de qualquer signo nacionalista terá a ver, por um lado, com a especificidade histórica e política das Antilhas francesas, mormente da Martinica, que continua, como se sabe, a fazer parte da França, não obstante algumas vozes discordantes, e, por outro lado, com o processo de globalização. A conjuntura global reforçou certamente a opinião daqueles que acreditam que não terá, provavelmente, qualquer sentido pugnar-se por uma Martinica independente. Esses serão os mesmos que procuram afirmar a criouliidade como plataforma identitária nas Caraíbas francófonas (Martinica e Guadalupe), transpondo-a ainda como explicação, ou mesmo paradigma, para o cruzamento cultural que o mundo de hoje espelha¹¹. Fã-lo-ão provavelmente como estratégia para diluírem a forte (...) "assimilation à la culture française" (Glissant 1996: 31), facto de que não deixam de ter consciência.

¹⁰ Não confundir com o termo "cabrito", tal como ele é empregue em Angola, onde designa o descendente de mulato/a e branco/a.

¹¹ Cf. a este respeito, por exemplo, a opinião defendida por Édouard Glissant, companheiro de Patrick Chamoiseau, no seu livro *Introduction à une poétique du divers* (Paris: Gallimard 1996). A sua opinião não é, no fim, muito diferente da de Serge Gruzinski (1999) e outros críticos, cientistas sociais e escritores, protagonistas da corrente teórica, ora dominante nas ciências sociais, que faz da hibridização ou, talvez melhor, da mestiçagem, entendida num sentido amplo, como o grande paradigma epistemológico; o mesmo que é capaz de universalizar ou emancipar uma modernidade (europeia), condenada, como tal, porque tem sido fundamentalmente unidimensional.

Texaco é, sem qualquer dúvida, um romance fundacionista. Não o sendo no sentido nacionalista, é-o no sentido da criouldade acima referida. Descreve-nos a emancipação social e política de uma das componentes dessa criouldade, a dos escravos. O bairro *Texaco* é o corolário dessa criouldade. Cristo, que o entendeu, tornou-se no seu messias; o messias de uma modernidade e de uma vivência próprias, diferentes das que foram e que continuam a ser impostas pelas antigas metrópoles, pelo sentido instrumental da civilização ocidental.

Não obstante as várias estratégias estilísticas ensaiadas, *Texaco* é fundamentalmente um romance realista, cumprindo, nessa acepção, muito do que é o realismo africano. À medida que é narrada a história de vida de Marie-Sophie Laborieux e da sua família, é narrada, como atrás se disse, a história de um importante sector da história da Martinica. O tempo é, assim, nele representado de forma linear ou monocrónica, no que assenta, aliás, a condição de romance histórico que o texto espelha.

É significativa a negação do progresso, ou melhor, da ideia que dela fazem os dirigentes da ilha. O bairro *Texaco* cresce e afirma-se crioulo em oposição à *En Ville*, i.e. à cidade de Fort-de-France, onde dominam os que acreditam na ideia de progresso tecnologicamente fundamentado. O sentido de urbanismo crioulo que não é devidamente esclarecido ao longo do texto, encontra provavelmente aqui a sua explicação mais plausível. O progresso que irradiava da *En-Ville* não significava para os habitantes do bairro qualquer tipo de felicidade. A felicidade e a expectativa destes estava, pois, para além dos critérios da modernidade ocidental, como acima tive a oportunidade de referir.

O bairro *Texaco*, os seus habitantes, mas sobretudo a sua fundadora, pugnavam, assim, por valores alternativos à sociedade degradada que a *En-Ville*¹² representava enquanto reminiscência do sistema capitalista-colonial e cadinho de valores degradados. O sentido moral e, no fim, ideológico do romance é, assim, por demais evidente.

A título de *epílogo*, cabe referir que não sendo *Texaco* um romance marcadamente nacionalista, nele estando implícita a ideia de uma criouldade universalmente assumida, comprometido que está com a francofonia, somos levados a concluir que, não obstante cumprir a maioria dos desígnios estilísticos referentes ao romance produzido em contextos do Terceiro Mundo, *Texaco* não é propriamente um romance terceiro-mundista. Relega, aliás, o conceito em referência para um plano secundário. Da sua análise ressalta sobretudo a assunção parcial e localizada da modernidade europeia, evocando uma dimensão culturalista que não encontra enquadramento no conceito de Terceiro Mundo, suportado, como vimos, por uma ideia de desenvolvimento material e infra-estrutural, renegada precisamente em *Texaco*.

BIBLIOGRAFIA

- BOTTOMORE, Tom, s.d., *Elites and Society*, Londres: Penguin Books
- CHAMBERT-LOIR, Henri, 1980, "Points de repère", in H. CHAMBERT-LOIR (Ed.), *Sastra. Introduction à la littérature indonésienne contemporaine*, Paris: Cahier d'Archipel
- DAVIDSON, Basil, 2000 [1992], *O fardo do homem negro. Os efeitos do Estado-nação em África*, Porto: Campo das Letras
- GLISSANT, Édouard, 1996, *Introduction à une poétique du divers*, Paris: Gallimard
- GOLDMANN, Lucien, 1986 [1964], *Towards a Sociology of the Novel*, Londres / Nova Iorque: Tavistock Publications
- GRUZINSKI, Serge, 1999, *La pensée métisse*, Paris: Fayard
- HOETINK, H., 1997, « 'Raça' e cor no Caribe », in *Estudos Afro-Asiáticos* (31): 7-36
- KANE, Mohamadou, 1983, *Roman africain et tradition*, Dacar
- LEIRIS, Michel, 1955, *Contacts de civilisations en Martinique et Guadeloupe*, Paris: UNESCO
- LEPÉNIES, Wolf, 1985, *Die drei Kulturen. Soziologie zwischen Literatur und Wissenschaft*, Munique: Carl Hanser Verlag
- LEVILLAIN, Henriette (Org.), 1994, *La Guadeloupe 1875-1914. Les sursauts de une société pluri-éthnique ou les ambiguïtés de la assimilation*, Paris: Autrement

¹² Ou a fábrica que roubou Ninon a Esternome, entre muitos outros exemplos ao longo do romance.

- MATUSSE, Gilberto, 1998, *A construção da imagem de moçambicanidade em José Craveirinha, Mia Couto e Ungulani Ba Ka Khosa*, Maputo: Universidade Eduardo Mondlane / Livraria Universitária
- MOORE-GILBERT, Bart, 2000 [1997], *Postcolonial Theory. Contexts, Practices, Politics*, Londres: Verso
- MOREIRA, Adriano, 1993, *Ciência política*, Coimbra: Livraria Almedina
- MOURALIS, Bernard, 1971, "Littérature négro-africaine et littérature du Tiers Monde", in *Revue des Sciences Humaines*, tome XXXVI, 143: 459-65
- STEINVORTH, Klaus, 1973, *Der indo-englische Roman. Eine Studie zu einer vom Westen beeinflussten und abhängigen Literatur eines Entwicklungslandes*, Univ. Hamburg
- VENÂNCIO, José Carlos, 2000, *O facto africano. Elementos para uma Sociologia de África*, Lisboa: Vega